



Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências – APLAC

www.aplaculturadf.blogspot.com - www.facebook.com/apldf

www.aplacdf.com.br

RIMA-DF

Repórter Intercultural Mestre d'Armas Brasiliense

Ano XV - nº 54

Planaltina-DF

abril/junho - 2025

Literatura de Cordel: Patrimônio Cultural do Brasil



Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste do país, o cordel hoje é disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações. Hoje, circula com maior intensidade na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo. Em todos estes estados é possível encontrar esta expressão cultural, que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados (portal.iphan.gov.br, página 2).

Histórias em quadrinhos: uma perspectiva educacional

Atualmente, os quadrinhos representam, em todo o mundo, um meio de comunicação de massa muito popular: as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhões de exemplares adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ávido por novas aventuras. Nos últimos anos, isso tem se fortalecido, principalmente pela forte influência das suas personagens presentes também no cinema. As adaptações das narrativas dos quadrinhos para o cinema e para séries de TV ajudaram a popularizar o gênero, trazendo para o universo dos quadrinhos um público que não tinha contato com esse tipo de leitura. (SOUSA, Luciano Dias de; VIEIRA, Abel Gomes, página 3).

MEC reforça a alfabetização de pessoas com deficiência

O Decreto nº 12.048/2024, que instituiu o Pacto EJA, estabeleceu como uma de suas diretrizes fundamentais o reconhecimento da diversidade do público da EJA, incluindo, explicitamente, as pessoas com deficiência ao lado de outros marcadores sociais. Assim, o MEC tem atuado para ampliar o alcance das ações da EJA, em articulação com as secretarias estaduais e municipais da educação, responsáveis pela oferta. O objetivo é aumentar a quantidade de matrículas de pessoas com deficiência com 18 anos ou mais nas redes de ensino do país. (Assessoria de Comunicação Social do MEC, página 6)

encanteesí
studio de canto
encantee_si

ARTIGOS

Editorial

Caríssimos leitores,

Com todas as letras, como bem disse o Advogado, escritor e poeta Gilmar Cardoso, *"uma Academia de Letras é, principalmente, institucional e visa o estudo e o aprimoramento da língua nacional; o exame ou reexame da história de um povo e o registro da linguagem regional. Uma academia cultua a memória dos seus escritores – nacionais e estrangeiros –, suas vidas e obras, revivendo-os perante as novas gerações. Sobretudo, o papel da Academia é muito próximo, senão inserido no agir do estado, da gestão cultural e educacional de seus governos (...)"*. Diante disso, procede dizer que sábio é o governante que conclama seus acadêmicos para essa tarefa superior, visto que a Literatura e a Língua Portuguesa, em suas formas mais legítimas, são as ferramentas que mantêm viva a essência de um povo, o progresso de uma nação.

E partindo desse pressuposto – com o objetivo de divulgar, documentar e preservar sua riqueza histórica, arquitetônica, turística, artística e cultural –, intelectuais da cidade criaram, lá em 05/12/1998, a ACADEMIA PLANALTINENSE DE LETRAS (hoje, *Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências*), que veio se somar aos esforços de conscientização coletiva dos valores de Planaltina como epicentro dinâmico do povoamento candango.

Por fim, se é público e notório o reconhecimento de que temos uma comunidade culturalmente ativa e heterogênea, é igualmente óbvio o fato de os seus agentes culturais nem sempre atuarem de forma articulada. Assim sendo, a APLAC foi instituída com o propósito de transformar e congregar, numa confraternização única e permanente, aqueles que, assim como nós, compartilham da necessidade de se priorizar Planaltina como um pólo artístico-cultural e turístico no Distrito Federal.

E assim, lá se foram 26 anos de APLAC... e que venham outros 26!...

Literatura de Cordel: Patrimônio Cultural do Brasil



Entre versos, rimas e cantoria, a Literatura de Cordel é uma expressão cultural popular que abrange não apenas as letras, mas também a música e a ilustração. É um gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros. Poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folheteiros (como são conhecidos os vendedores de livros) já podem comemorar, pois agora a Literatura de Cordel é Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste do país, o cordel hoje é disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações. Hoje, circula com maior intensidade na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo. Em todos estes estados é possível encontrar esta expressão cultural, que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos ou imaginados.

A Literatura de Cordel no Brasil é o resultado de uma série de práticas culturais em que os cantos e os contos – e suas variantes – constituem as matrizes a partir das quais uma série de formas de expressão se forjou. Na formação da cultura brasileira, da qual a literatura de cordel faz parte, tanto indígenas quanto africanos e portugueses adicionaram práticas de transmissão oral de suas cosmologias, de seus contos, de suas canções. A questão da harmonia sonora é muito ressaltada pelos poetas. Além das razões estéticas, há uma explicação histórica para isso. No início do século XX, quando a literatura de cordel se consolidou como um sistema editorial próprio, os poetas desenvolveram um modo particular de comercializar seus livros nos mercados e feiras livres. Carregavam consigo os exemplares e montavam uma banca em que os folhetos eram exibidos (por esse motivo os poetas da literatura de cordel também são chamados de poetas de bancada). Para atrair curiosos e compradores, os poetas costumavam cantar em voz alta trechos dos poemas, contando dramas, tragédias, romances e sátiras. No momento mais importante da narrativa – quando o desfecho da história de aproximava – o canto era interrompido e o final da história só poderia ser conhecido por aqueles que comprassem o folheto. Assim, a métrica perfeita era a condição para que o poeta pudesse exercer sua performance com maestria diante do público.

Na região do Pajeú (sertão de Pernambuco), a declamação ainda hoje é praticada cotidianamente pela população. Atualmente, os declamadores gravam suas performances em discos e vídeos que são comercializados em festivais e feiras de literatura de cordel. Além da declamação,

Expediente

Informativo da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências
CNPJ 04.233.816/0001-16

Diretoria da APLAC

Joésio Menezes (Presidente), Tamara Naiz (Vice-Presidente), Silvano Colli (Secretário Geral), Bárbara Santiago (Diretora Financeira) e Muna Ahmad Yousef (Diretora Cultural)

Editor: Joésio Menezes

Redação: Coletiva

Jornalista Colaboradora: Aline Menezes

Revisão: Joésio Menezes

Diagramação: Antonio Júnior

Impressão: Gráfica Planaltina

Tiragem: 1000 exemplares

Contatos: aplacdf@gmail.com

**Não nos responsabilizamos
por matérias assinadas**

Joésio Menezes (98424.3347)

outro modo particular de jogo verbal se difundiu e se popularizou no Brasil: o desafio – ou peleja – se define como uma disputa oral, em geral entre duas pessoas, cujo objetivo é vencer o adversário por meio do virtuosismo poético diante do público. Além da viola – instrumento mais comum na cantoria –, a rabeca também era utilizada por alguns cantadores.

A literatura de cordel faz parte da vida social dos brasileiros. Ao longo do tempo, por meio das trocas e empréstimos culturais com a música, o cinema, o teatro, as novelas e as redes sociais, se atualizou e se transformou, sem perder a identidade, a originalidade e sua estética própria, particular.

O Cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe. Trata-se de um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil.

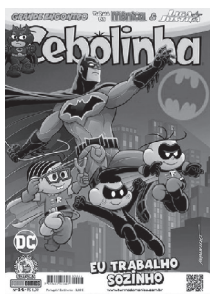
O cordel se inseriu na cultura brasileira em fins do século XIX, forjado como a variação escrita da poesia musicada por duplas de cantadores de viola, de improviso, conhecida como repente. A expressão literatura de cordel não se refere num sentido estrito a um gênero literário específico, mas ao modo como os livros eram expostos ao público. No entanto, cada vez mais essa expressão foi sendo associada a um conjunto de edições de baixo custo, adaptações de textos provenientes das mais diversas fontes (obras até então manuscritas, narrativas orais, peças de teatro cômico) destinada a um número cada vez maior de leitores pouco familiarizados com a escrita e, por esse motivo, diversos procedimentos editoriais foram introduzidos a fim de tornar a leitura mais fácil: diminuição do tamanho da obra ao enxugar o livro por meio do emprego de textos curtos, uso de papel de baixa qualidade e redução dos preços.

Os poetas costumam definir a literatura de cordel como um gênero literário que obrigatoriamente possui três elementos: métrica, rima e oração. Esses três elementos da poética do cordel constituem os fundamentos que precisam ser apropriados por quem deseja produzir um cordel. Ao compor um cordel com métrica, rima e oração, o poeta aciona os resultados de um longo aprendizado, de uma formação que não se obtém na escola, mas a partir do convívio com outros poetas, ou seja, a partir uma tradição coletiva que se transmitiu ao longo de gerações.

(Fonte: portal.iphan.gov.br)

Histórias em quadrinhos: uma perspectiva educacional

Fonte: educacaopublica.cecierj.edu.br



(...) Quando a tecnologia digital ainda não fazia parte do cotidiano do ser humano, várias gerações cresceram lendo gibis. Heróis da DC Comics, Marvel e, no Brasil, as simpáticas personagens da Turma da Mônica, encantavam e envolviam a imaginação de jovens e crianças que, muitas vezes, aprendiam a ler por meio deste tipo de material. Mesmo com o aparecimento da

imprensa, não houve impedimento para que a imagem gráfica continuasse a desempenhar papel importante na comunicação humana, pois a evolução da indústria tipográfica e do jornalismo forneceu o aparecimento das histórias em quadrinhos.

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentais em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação em massa. Ainda que as histórias ou narrativas gráficas, contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos, possam ser encontradas paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu.

Pelas tirinhas de jornais, revistas, *fanzines* e álbuns que colecionavam trabalhos de autores consagrados, os quadrinhos estabeleceram um espaço próprio entre as demais linguagens e veículos da indústria cultural. Assim, se moviam em interação com a imprensa, o cinema, a publicidade, o rádio e, mais tarde, com a televisão.

As primeiras pesquisas que buscam avaliar a leitura dos quadrinhos nos jornais datam da década de 1960, nos Estados Unidos, e já mostravam esta forte relação: dos 2,5 bilhões de consumidores dos principais jornais da época, 83% dos leitores e 79% das leitoras declaravam acompanhar diariamente as tiras de quadrinhos.

Atualmente, os quadrinhos representam, em todo o mundo, um meio de comunicação de massa muito popular: as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhões de exemplares adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ávido por novas aventuras. Nos últimos anos, isso tem se fortalecido, principalmente pela forte influência das suas personagens presentes também no cinema. As adaptações das narrativas dos quadrinhos para o cinema e para séries de TV ajudaram a popularizar o gênero, trazendo para o universo dos quadrinhos um público que não tinha contato com esse tipo de leitura. As personagens da DC, Marvel e Turma da Mônica são provas desse sucesso e popularidade do gênero, que conseguiram muita bilheteria em suas produções cinematográficas.

Nas últimas décadas, os quadrinhos passaram a ser vistos sob um outro ângulo, o ângulo educacional, sendo implantados nos livros didáticos de várias disciplinas, ainda que de forma lenta. Essa redescoberta da sua importância teve início na Europa e, depois, em outras partes do mundo. Aqui, em nossa estrutura educacional, as HQ são requeridas pela Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Portanto, para além do entretenimento, atualmente têm se destacado no campo educacional, sobretudo por seu papel imagético e lúdico, ajudando na percepção de ideias para melhorar a compreensão de mundo do indivíduo que faz uso habitual desse tipo de literatura (...).

SOUSA, Luciano Dias de; VIEIRA, Abel Gomes. Histórias em quadrinhos na escola: uma experiência metodológica de ensino. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 46, 13 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/46/historias-em-quadrinhos-na-escola-uma-experiencia-metodologica-de-ensino>

LITERATURA PLANALTINENSE



Um dedo de prosa

BEBÊS REBORNS – ENTRE O OBJETO E O HUMANO

(William Cesar de Andrade)*

Virou meme, notícia nas redes digitais, boneco(a) que parece gente.

Não estamos falando da Barbie, Sussy ou Polly, nem mesmo da Moranguinho, Bebê linda, Emilia e tantas outras da Estrela. Nem sequer daquelas pouco realistas, mas de preço acessível aos pobres. A "vibe" de agora carrega novos nomes: RXdoll, Kaydora, Kaydora Bruna, Sofia!

Bem-vindo ao mundo dos bebês reborns – os(as) bonecos(as) fabricados realisticamente.

Pode ser curioso ou até mesmo escandaloso o realismo dos bebês reborns. Tudo neles leva a 'ver', 'imaginar' e, para alguns, até mesmo viver com uma criança.

Palavra usada para falar de uma Europa em escombros, mas renascida.

A segunda guerra mundial deixou milhões de mortos, mutilados, desterrados. A vida era difícil para todos(as). Não eram incomuns crianças sem pais ou brinquedos. Reborns – RENASCER significou então um grito, um apelo a retomar nas pequenas coisas o cotidiano e a alegria, sempre presente numa criança e seu brinquedo.

Dos anos 50 para os dias atuais, muita coisa aconteceu e os bebês reborns estão de volta. Não é bem uma 'volta para o futuro', mas com certeza existe muita tecnologia. O plástico foi substituído pelo silicone ou vinil, tintas especiais nos diversos tons de cor. A garantia de um produto limpo, sem risco de provocar alergias ou qualquer tipo de dano. E tal como os(as) bonecos(as) do passado, ricos e pobres podem ter o(a) seu(sua). Diversão garantida para as crianças, pois também existem meninos que gostam de bonecas. Até mesmo os adultos se apaixonaram por bebês reborns!

Tudo de bom?

Pinóquio – o boneco de madeira – queria se tornar humano, ser gente. Essa fantasia, presente em livros e filmes, ficou ultrapassada e foi substituída. Na ficção científica, numa galáxia muito distante, os robôs – não todos, é claro! – têm personalidade própria, sentimentos e senso de fidelidade.

R2D2, Wall-E, Chopper... a cada dia surge um novo e humanizado 'herói'. Imita-se o humano nos valores e em sua radical defesa da justiça. Mas o lado obscuro de *Matrix*, do *Exterminador do Futuro* segue presente também.

Até onde iremos no hiper-realismo dos bebês reborns aos robôs humanizados?

Em *Blade Runner, Matrix, Exterminador do Futuro...* o que é máquina e o que é humano?

Com inteligência artificial (IA), a sensualidade, a força e a beleza ultrapassam o que somos. Nossos padrões, sejam eles afetivos, estéticos, lúdicos, morais... espumas ao vento?...

A cada dia que passa, temos menos filhos, vínculos que duram, causas, compaixão... Será que chegara o momento em que diremos: "tão humano assim só pode ser uma máquina"?

* William Cesar é professor da rede pública de ensino do DF (SEE/DF)



Soltando os Versos

PÁSSAROS

(Bebetto Nunes, Cad. nº 41)

Enquanto o Sol ressurgir no horizonte,
as nuvens insistentemente retornarão,
mas a gélida ventania de inverno
se ausentará em setembro.

Dança a fumaça em pleno ar!...
Chega a frialdade da manhã
que nem borboleta Janeira
voando em pleno olhar.

Assim, a vida se faz presente
entre a natureza e a paz inestimável,
entre a beleza que é impagável;

já que a revoada de pássaros
não é um sonho inalcançável
quando se olha para o céu.

SAUDADE

(Gisele Gama)

Saudade não tem tempo.
Ela brota sem pedir licença
e se instala no sorriso bobo
do pensamento que quer ficar.
Vem quando você ainda nem foi,
mas vai...

Abraça meu coração
pra eu não me sentir só
e poder sua ausência suportar.
Ela fica comigo – amiga –,
me fazendo companhia
até você poder voltar.

OS DELÍRIOS DO SILÊNCIO

(Jader Campos)

O silêncio é o melhor refúgio...
Mas é muito doído
estar no escuro dessa casinha.
A tristeza e o medo parecem ser
as minhas únicas companhias.
Até o silêncio às vezes grita;
e isso me leva ao desespero.

Ah, que saudades
eu sinto do meu eu!
Esse "meu eu" que me deixou aqui,
no frio desse silêncio.

Ah, que saudades de você!...

ASAS

(Laísa Mesquita, 3º ano, Centro Educacional Delta)

Não nasci com asas.
Mas um dia,
entre o peso das coisas não ditas
e o barulho vazio da pressa,
peguei uma palavra entre os dedos
e escrevi.

Foi ali,
no intervalo entre uma notificação e outra,
no silêncio que sobrou da rotina,
que senti as costas formigarem;
Como se tudo o que me calaram
crescesse em pena.

Palavra por palavra,
fui me desfazendo do chão.
A ansiedade virou rima;
a cobrança, vento;
E o medo, matéria-prima.

Na sociedade do desempenho,
onde tudo precisa render, vender, correr,
eu escrevo devagar,
Porque escrever é desobedecer,
É dizer o que não cabe no algoritmo,
É recusar a pressa que esvazia.

Não escrevo para ganhar tempo;
Escrevo para recuperá-lo,
Para lembrar que sentir também é verbo,
Que silêncio também é resposta;
E que nem tudo precisa servir,
às vezes só precisa ser.

Porque se eu não escrever,
as asas pesam tanto
que viram grades.
Mas se eu escrevo...
Ah, se eu escrevo!
Até o que me prende
me empurra pro céu.

MEUS MORTOS

(Mariana Branco)*

Meus mortos me seguem
aonde quer que eu vá.
Me lembram quem sou
e, quando me perco,
mostram como me achar.
Meus mortos me ensinaram
do amor a transitoriedade,
mas também a permanência:
pois meus mortos seguem vivos,
contrariando a ciência.

* Mariana Branco é jornalista, autora
do livro de poemas "Mais uma na multidão"
(Minimalismos, 2024)



VITÓRIAS E DERROTAS

(Wálteno Marques)

A vida é generosa nas glórias
do esforço, do talento e da criação;
e no alternar de derrotas e vitórias
sobrevem, justo, o deleite da realização.

Fosse a vida frívola ou melancólica,
sem a emoção do sentir ou do amar,
a poesia converter-se-ia em retórica,
sem a magia do homem para criar.

É dando vida ao ser inerte ou desanimado
que o pensamento viaja no seu ritmo acelerado,
na luta pela vida para na vida emoção brotar.

E foi com esse espírito vivaz e criador
que a sábia natureza ao homem contemplou
com a divina arte de a própria vida gozar.

ENCANTAMENTO

(Maria Maia)

De repente percebi
Que o amarelo é mais bonito
quando está amanhecendo
Que o silêncio é um tesouro
Que na verdade, bem lá no fundo,
TODAS as pessoas são maravilhosas
quando olhadas bem de perto
Que podemos vibrar sempre alto
se quisermos... sempre

Que amar tudo aquilo que se faz
é o grande segredo da vida
De repente descobri
Que Deus esteve aqui o tempo todo.



EDUCAÇÃO EM DEBATE

MEC reforça a alfabetização de pessoas com deficiência

por Assessoria de Comunicação Social do MEC



A alfabetização de pessoas com deficiência tem sido objeto das políticas públicas do Ministério da Educação (MEC). No atual governo, a pasta lançou duas grandes iniciativas que contemplam de forma prioritária esse público-

alvo: o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (Pacto EJA) e o Plano de Afirmção e Fortalecimento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI).

Por meio da Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade (CIF), o MEC ainda atualizou o fator de ponderação no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) para alunos da educação especial inclusiva e da educação de jovens e adultos (EJA), aumentando o financiamento dessas modalidades. Para a educação especial, o fator foi atualizado de 1,20 para 1,40; e, para a EJA, o valor anual mínimo por aluno aumentou de 0,8 para 1,0. Isto é, cada matrícula de estudantes com deficiência e da EJA passou a gerar um repasse 17% e 25% maior, respectivamente.

Diversidade – O Decreto nº 12.048/2024, que instituiu o Pacto EJA, estabeleceu como uma de suas diretrizes fundamentais o reconhecimento da diversidade do público da EJA, incluindo, explicitamente, as pessoas com deficiência ao lado de outros marcadores sociais. Assim, o MEC tem atuado para ampliar o alcance das ações da EJA, em articulação com as secretarias estaduais e municipais da educação, responsáveis pela oferta. O objetivo é aumentar a quantidade de matrículas de pessoas com deficiência com 18 anos ou mais nas redes de ensino do país. Segundo o Censo Escolar 2024, o Brasil conta com 381.370 matrículas desse público registradas.

O Pacto EJA vem sendo executado por meio de múltiplos programas e ações, como:

- Programa Brasil Alfabetizado (PBA): voltado à alfabetização de jovens, adultos e idosos, com ações que incluem pessoas com deficiência, em espaços como associações de bairro, igrejas e centros comunitários, para evitar grandes deslocamentos das pessoas que precisam se alfabetizar;

- PDDE EJA: apoio financeiro para escolas que ofertam EJA aprimorarem a infraestrutura física e pedagógica;

- Pé-de-Meia EJA: incentivo financeiro a estudantes da EJA de baixa renda, incluindo pessoas com deficiência;

Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) EJA: materiais didáticos adaptados às especificidades do público da EJA;

- Programa Nacional de Formação para a Docência na EJA (ProfEJA): formação de professores para atender às necessidades específicas da EJA. A iniciativa conta com módulos específicos voltados ao tema da alfabetização de pessoas com deficiência: oficinas com formadores regionais e coordenadores da EJA; círculos de cultura virtuais e presenciais voltados a professores da EJA e gestores escolares; e um curso autoinstrucional na plataforma Avamec aberto a todos os

profissionais da educação.

Além disso, um investimento integrado tanto na infraestrutura das escolas quanto na formação de profissionais da educação tem sido feito desde 2023, por meio do PNEEPEI, para assegurar o atendimento educacional especializado (AEE):

- PDDE Sala de Recursos Multifuncionais: desde sua retomada, já foram investidos R\$ 439 milhões, beneficiando mais de 21 mil escolas públicas. Em 2025, está prevista nova expansão com aporte de aproximadamente R\$ 200 milhões.

- Curso Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva: 1,2 milhão de vagas para formação continuada de professores da educação básica, em parceria com 50 instituições públicas de ensino superior;

- Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) Equidade: licenciaturas específicas, de forma inédita, em educação especial e inclusiva;

- Formação para professores do AEE e gestores escolares: 77 cursos ofertados — 50 para professores (81.113 vagas) e 27 para gestores (34.470 vagas);

- Instituição da Rede Nacional de Autodefensoria contra o Capacitismo e em favor da Educação Inclusiva: promoção do protagonismo das pessoas com deficiência e exercício de sua autonomia cidadã na defesa e garantia do direito à educação na escola regular.

PNEEPEI – A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva reafirma o compromisso expresso na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) de que a educação escolar se faz na convivência entre todas as pessoas, em salas de aulas comuns, reconhecendo e respeitando nossas diferentes formas de comunicar, mover, perceber, relacionar-se, sentir, pensar. Isso implica revisitar constantemente sistemas de ensino, políticas, conceitos e práticas, a fim de transformar nossas escolas para serem mais acessíveis a todas as pessoas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, estabelece que a educação especial é uma modalidade de educação escolar transversal a outras etapas, níveis e modalidades. Isso quer dizer que seus recursos, apoios e profissionais devem ser garantidos a estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação ao longo de todo o seu processo de escolarização.

Pacto EJA – O Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos é uma política pública construída de forma colaborativa pelo MEC com a União, os estados, os municípios e o Distrito Federal. O pacto reúne ações de articulação intersetorial implementadas com a participação de ministérios, da sociedade civil organizada, de organismos internacionais e do setor produtivo. As finalidades do pacto são: superar o analfabetismo; elevar a escolaridade; ampliar a oferta de matrículas da EJA nos sistemas públicos de ensino, inclusive entre os estudantes privados de liberdade; e aumentar a oferta da EJA integrada à educação profissional.

Para uma compreensão completa, é necessário considerar aspectos, como a adequada alocação de recursos financeiros. Bem como a eficaz capacitação dos docentes, a promoção da inclusão social e a integração apropriada da tecnologia na esfera educativa.

A abordagem dessas complexidades requer a colaboração de diversos setores da sociedade, visando aprimorar a qualidade da educação. E, dessa forma, torná-la uma ferramenta efetiva para o desenvolvimento integral dos cidadãos e do progresso contínuo do país.

Fonte: www.gov.br/mec

LITERATURA & ARTE

– Fazendo Arte –

Com: Centro Educacional Delta e CED Vale do Amanhecer

Professores e alunos do Centro Educacional Delta promovem o festival "Cultura em Cena"



Alunos e professores do Centro Educacional Delta promoveram, na tarde do último dia 28 de junho (sábado), o festival "Cultura em Cena – vivência artística, literária e filosófica do PAS", evento em que o pensamento filosófico, a força do teatro, o encanto da literatura, a beleza da dança e a

poesia da música brasileira se encontraram no palco com um único objetivo: tornar aquela tarde cultural INESQUECÍVEL.

No decorrer das apresentações, os convidados que se deslocaram das suas casas para o auditório do Centro Educacional Delta foram conduzidos por narrativas que tocaram a alma dos que ali se fizeram presentes, provocando a mente de todos por meio de cenas dramatizadas, leituras interpretativas e reflexões inspiradas em grandes obras cujos autores foram e continuam sendo aclamadas no Brasil e mundo afora.

Com o auxílio e a orientação dos seus professores, os alunos envolvidos com o festival "Cultura em Cena" adaptaram e levaram ao público: "**Vestido de Noiva**" (obra-prima da dramaturgia brasileira, que rompe com o realismo e explora as camadas mais profundas da mente humana), de *Nelson Rodrigues*; "**A pena e a Lei**" (fábula teatral do sertão, por meio da qual o humor, a poesia e a crítica social se entrelaçam, provocando reflexões sobre justiça, poder e redenção), de *Ariano Suassuna*; "**Não vou mais lavar os pratos**" (poema que denuncia a invisibilização da mulher negra e afirma o direito ao pensamento, à arte e à liberdade), de *Cristiane Sobral*, "**A cartomante**" (conto clássico machadiano, por meio do qual somos ironicamente guiados por um triângulo amoroso repleto de ilusões), de *Machado de Assis*; "**Felicidade clandestina**" (um relato tocante sobre o amor pelos livros e a infância vivida entre o desejo e o silêncio), de *Clarice Lispector*; "**Manual de Epicteto**" (um mergulho na sabedoria do filósofo grego estoico *Epicteto*); e as canções "**Cálice**" (uma crítica potente e sutil à repressão política da época, em que se misturam lirismo, religiosidade e denúncia), de *Chico Buarque* e *Milton Nascimento*, e "**O meu guri**" (canção pungente e poética que retrata a voz de uma mãe que vê seu filho crescer sem perceber sua entrada no mundo do crime, dando corpo à realidade social brasileira com lirismo e dor), de *Chico Buarque*. As referidas canções, adaptadas para o balé, foram coreografadas por *Juri de Santana Rios* (aluno do Delta e bailarino) e muito bem performadas pelo grupo de dança formado por alunos do Centro Educacional Delta.

E para que aquela tarde cultural de sábado não ficasse com a sensação de que algo ficara faltando, a jovem cantora *Lana Guimarães* (também aluna do Delta) encarregou-se de cantar e encantar a plateia, que, ao fim das apresentações, deixou o local do espetáculo levando consigo o "gostinho de quero mais".

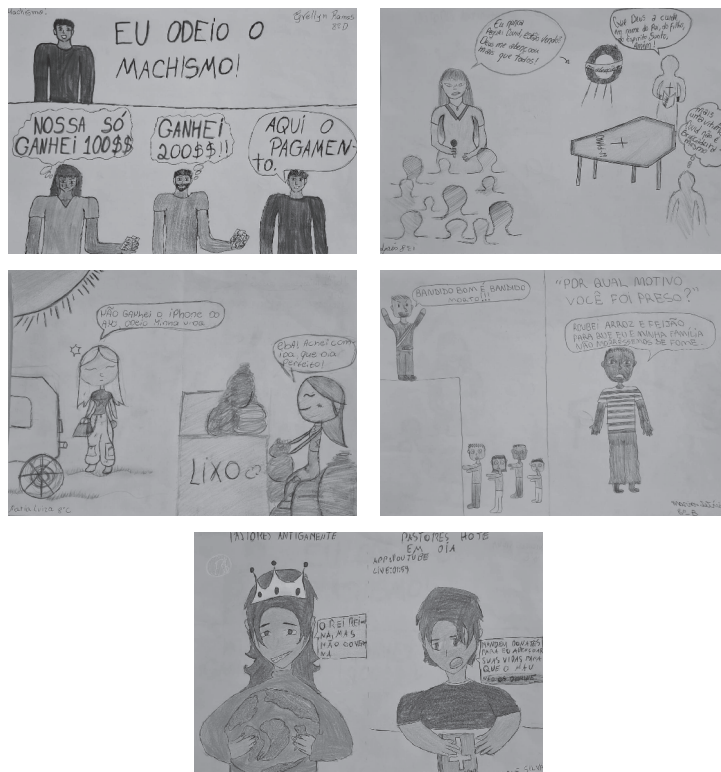
Deixamos aqui registrados os nossos parabéns a todos

os envolvidos na organização e realização do festival "Cultura em Cena" (professores, alunos, coordenadores, servidores e Direção do Centro Educacional Delta) e o desejo de que, em breve, tenhamos outros eventos desse mesmo quilate.



Projeto de Produção (e ilustração) de Textos, CED Vale do Amanhecer

Os trabalhos a seguir foram desenvolvidos na aula de PRODUÇÃO (e ilustração) DE TEXTOS, ministrada pela professora de *Língua Portuguesa e Produção de Textos*, *Analicélia* (Ana Mago, Cadeira nº 48 da APLAC), ocasião em que as alunas *Evellyn Ramos*, *Lais*, *Maria Leticia*, *Maria Luiza* e *Nicole Silva*, do 8º ano do Ensino Fundamental do CED Vale do Amanhecer, em Planaltina-DF, produziram, ilustraram e comentaram seus textos, contextualizando-os de acordo com a realidade do que mais se vê e se fala nos dias atuais.



NOTÍCIAS DA APLAC

Escritor da APLAC e alunos do CED Fercal produzem Histórias em Quadrinhos



Dando continuidade ao projeto QUADRINHOS: A MENINADA TAMBÉM FAZ, iniciado em 2018, o professor e escritor Vanílson Reis (Cadeira nº 11 da APLAC) publica a 2ª edição da revista em quadrinhos homônima ao projeto em destaque, fruto dos trabalhos escritos e ilustrados pelos alunos do CED Fercal, escola em que trabalhou até a sua aposentadoria, publicada no DO/DF, em janeiro do ano em curso.

O projeto QUADRINHOS: A MENINADA TAMBÉM FAZ, desenvolvido e ministrado pelo professor Vanílson durante as aulas de *Leitura e Produção de Textos*, tem como principais objetivos estimular a garotada a ler (tanto na escola quanto em casa), a fim de que possam alcançar habilidades na Produção de Textos e, conseqüentemente, possibilitar a formação de bons leitores, além de promover a valorização da leitura como veículo de sucesso nos estudos e, principalmente, na vida.

A "História em Quadrinhos" (ou HQ) – publicada pela primeira vez em 1894, nos EUA –, é o nome dado à arte de narrar histórias por meio de desenhos e textos em sequência, normalmente na horizontal. Essas histórias possuem fundamentos básicos das narrativas: enredo, personagens, tempo, lugar e desfecho. Geralmente, apresentam linguagem verbal e não-verbal. E foi justamente pensando nesses fundamentos que o professor Vanílson Reis escolheu esse gênero literário – cujo foco principal é o humor através da ilustração – para trabalhar a Leitura e a Produção de Textos com os seus alunos.

"As crianças adoram esse gênero literário porque lhes causa encantamento, liberdade de expressão e novas descobertas do seu próprio EU" – disse Vanílson Reis – "As imagens, mais voltadas para a linguagem coloquial, ajudam a meninada a identificar e antecipar o início, o meio e o fim da história. Às vezes, a criança apresenta uma certa dificuldade em ler, mas os próprios 'balões' acabam elucidando o que está visível no semblante das personagens" – concluiu o professor.

Exemplares da revista "**Quadrinhos: a meninada também faz**" estão sendo distribuídos, gratuitamente, em algumas escolas públicas de Sobradinho e Planaltina.

